

190				
				1

347

O sertanista e o Brasil

Um dos retratos de um Brasil que se diz moderno, mas que ainda comporta ações autoritárias que pensavam estar banidas com a redemocratização, é o da demissão do sertanista Orlando Villas Boas, 86 anos de idade, dos quais 56 dedicados à causa indígena. O presidente da Funai, Frederico Mares de Souza Filho, um desses néo-burocratas que giram em torno do Palácio do Planalto e da Esplanada dos Ministérios, demitiu o sertanista, que é uma personalidade de projeção internacional, mandando um fax para a residência de Villas Boas, em São Paulo, lamentando "muitíssimo comunicar-lhe da real necessidade de se dispor do cargo em comissão, que ora ocupa, de assessor desta presidência".

Poucos antropólogos e sertanistas têm cabedal de serviços prestados ao País quanto Orlando Villas Boas. No entanto, para a União, acostumada a tratar seus servidores como estorvos, parece que não significa nada os quase 60 anos em que ele esteve na dura luta pela preservação das nações indígenas. Parece até, que sob os olhos do presidente da Funai, Villas Boas e o seu riquíssimo currículo são trastes.

Magoado, depois que recebeu o fax despropositado e mal-educado, Villas Boas rea-

giu dizendo que "a maior parte da minha vida dediquei às civilizações indígenas, e assim como elas, também eu estou sendo marginalizado. Esse gesto da Funai serve como um triste exemplo do que aconteceu depois de 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil."

Poucos países do mundo atrevem-se a cuidar de um conterrâneo tão importante com tamanho desdém. A atitude do presidente da Funai foi tão estúpida que o próprio presidente da República viu-se na obrigação de telefonar para Villas Boas e pedir-lhe desculpas pela mesquinha cometida por seu subordinado.

O presidente Fernando Henrique tentou remediar as coisas. Apenas isso. Seu governo não conseguiu esconder - e tampouco eliminar - um péssimo hábito no País: não temos respeito pelos nossos velhos, até mesmo pelos que são sábios e realizadores.

Enquanto por aqui um gestor público como o presidente da Funai comete um absurdo desses, no Japão e nos Estados Unidos, os mais experientes e idosos são convocados tanto para os conselhos das empresas privadas quanto da administração pública. Lá, estão cansados de saber que experiência não pode ser desperdiçada.